

Millenium educação, ciência e tecnologia

PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE INTERACÇÕES PARENTAIS

SUZANA MARIA SERRANO ANDRÉ¹

ERNESTINA M^a V. BATOCA SILVA²

“Anseio por levar a cabo uma tarefa grandiosa e nobre, mas é meu principal dever cumprir pequenas tarefas, como se elas fossem grandiosas e nobres”.

Helen Keller (1880-1968)

INTRODUÇÃO

São os adolescentes e jovens o objecto do nosso trabalho e eles têm constituído ao longo dos anos o centro do nosso interesse. A adolescência é uma fase de desenvolvimento que representa um período de transição entre as vinculações da infância, estabelecidas fundamentalmente no contexto da relação pais-filho, e as ligações afectivas adultas que extravasam as relações familiares (Soares, 1992). É por isso que o adolescente, não sendo já criança, se surpreende a si próprio e aos que lhe estão mais próximos ao manifestar afectos, atitudes e comportamentos da criança que já não é, ao mesmo tempo que se revela capaz de executar actividades do adulto que ainda não é.

Segundo a perspectiva psicanalítica, algumas das características fundamentais da adolescência traduzem-se, por um lado, na reactivação do narcisismo e dos conflitos típicos do Complexo de Édipo e por outro, na necessidade de o jovem construir a sua

¹ Professora Adjunta na Escola Superior de Saúde do Instituto Superior Politécnico de Viseu e Mestre em Ciências de Enfermagem.

² Professora Coordenadora na Escola Superior de Saúde do Instituto Superior Politécnico de Viseu, Mestre em Ciências de Enfermagem e Doutoranda em Bioética.

individualidade, passando a perceber os pais como entidades diferentes dos idealizados no decorrer da infância.

Assim, o adolescente procura o apoio parental, mas simultaneamente procura libertar-se da vigilância parental, isto é, vive uma nova dinâmica relacional entre as necessidades de vinculação e de exploração ou autonomia, cujo processo é muitas vezes vivido pelos pais e pelos filhos, de uma forma ambivalente. Os pais, por um lado, desejam a independência dos seus filhos e que estes tomem as suas decisões; por outro lado, temem as consequências dessa independência. Os filhos, por sua vez, desejam afastar-se dos pais, criando um espaço de privacidade, mas de um modo ambivalente, pois temem a autonomia concedida e o fascínio da liberdade. E é neste contexto da relação pais-filhos que surge o interesse por este estudo.

O nosso objectivo foi precisamente identificar a percepção dos adolescentes/jovens sobre as interações parentais no sentido de reflectirmos sobre a sua expressão de autonomia ou individualidade ou expressão de ligação. Para atingir este nosso objectivo tivemos necessidade de construir uma escala para o efeito.

METODOLOGIA

Construímos uma escala a que chamámos de “Escala de percepção dos jovens acerca da Autoridade Parental” com 85 perguntas tipo Likert aplicámos a 600 adolescentes, que procurámos tivessem características homogéneas em relação às variáveis demográficas e sociais. Numa amostra de 200 indivíduos foi feito um teste-reteste que mostrou haver estabilidade temporal. A nossa amostra foi intencional e não probabilística. Os questionários foram aplicados a adolescentes/jovens que frequentavam associações juvenis, a familiares, amigos e estudantes do curso superior de enfermagem. Do total de questionários aplicados 26 foram eliminados por não terem sido correctamente preenchidos. Após elaborarmos a análise estatística dos resultados, a versão final da escala ficou constituída por 59 itens dos quais se extraíram quatro factores:

- Factor 1 – Compreensão do pai
- Factor 2 – Compreensão da mãe
- Factor 3 – Autoridade parental
- Factor 4 – Preocupação parental

A estatística utilizada incluiu médias, desvios padrões, teste para diferença de médias, análise da variância (ANOVA) e análise factorial do tipo Varimax com rotação dos componentes principais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos resultados obtidos iremos realçar alguns aspectos mais significativos.

I – Assim, em relação à caracterização da amostra:

- A idade mínima dos inquiridos corresponde a 12 anos e a máxima é de 26 anos. A média de idades é 17,73 anos e o desvio padrão de 3,85 anos o que traduz uma dispersão moderada. Mais de metade dos inquiridos (66,7%) tem uma idade inferior a 20 anos;
- Todos os inquiridos são estudantes e quase metade da amostra encontra-se no 12º ano de escolaridade (44,4%). Só 9,2% pertencem ao ensino superior e os restantes encontram-se nos níveis escolares do 7º ao 11º ano de escolaridade.
- O local de residência é para 64,5% dos adolescentes o meio rural;
- A média de idades dos pais dos adolescentes foi 47,09 anos com desvio padrão de 7,58 anos e a das mães de 44,42 anos com desvio padrão de 7,15 anos;
- O nível de escolaridade dos pais dos inquiridos foi referido por 60,6% dos adolescentes como tendo a 4ª classe ou 1º ciclo do ensino básico. O curso superior constitui as habilitações literárias de 4,1% dos pais dos adolescentes;

II – Com a aplicação da nossa escala testámos a percepção da interacção parental por parte dos adolescentes, e com o intuito de determinarmos a existência de diferenças estatisticamente significativas aplicámos diversos testes entre as variáveis estudadas e os factores estudados.

- **Idade** - No que se refere à idade verificámos que os adolescentes com 15-18 anos (Grupo 2) e com ≥ 19 anos (Grupo 3) percebem os pais como mais compreensivos e preocupados quando comparados com os de idade 12-14 anos (Grupo 1). Os adolescentes do grupo 1 (12-14 anos) percebem os pais como mais autoritários do que os adolescentes mais velhos (Grupos 2 e 3). A diferença de médias mostrou-se bastante ou altamente significativa. Os nossos resultados estão de acordo com os de Furman e Buhrmester (1992), os quais referem, nos seus estudos, que na última fase da adolescência a relação pais-filhos é menos conflituosa e mais apoiante e compreensiva.
- É normal que assim aconteça, uma vez que é na primeira fase da adolescência que o adolescente faz o desinvestimento dos objectos de

amor interiorizados na infância, o que é comparado por A. Freud (Claes, 1985) a uma experiência de luto, geradora de angústias, sentimentos de culpa e depressão.

- **Sexo** - As diferenças na percepção da interação parental e no que se refere à variável sexo com os quatro factores, não se mostraram estatisticamente significativas. Contudo, a percepção que as raparigas têm do pai compreensivo é superior à percepção dos rapazes. Ao contrário do nosso estudo Barão (1986) concluiu, nos seus estudos, que o pai tem mais facilidade no entendimento com o jovem, se este for rapaz, e que as raparigas são mais compreendidas pela mãe. Vaz Serra (1987) chegou à conclusão de que as raparigas têm melhores relações com os pais do que os rapazes e de que ambos os sexos percebem que os pais tendem a ser mais tolerantes com as filhas.
- **Ano de Escolaridade** - Na relação entre o ano de escolaridade dos adolescentes e a sua percepção sobre a interação com os pais, verificamos que os adolescentes do grupo 2 ($\geq 10^{\circ}$ ano) percebem os seus pais como mais compreensivos do que os do grupo 1 (7° , 8° e 9° ano). Estes por sua vez percebem os seus progenitores como mais autoritários. As diferenças de médias mostraram-se altamente significativas. Quanto à compreensão da mãe não verificámos existir diferença estatística significativa. Parece-nos que os resultados relacionados como o ano de escolaridade podem advir do facto de os adolescentes com um nível de escolaridade superior pertencerem a um grupo etário mais elevado e, como vimos anteriormente, estes percebem os seus pais como mais compreensivos.
- **Local de Residência** - Os adolescentes do meio rural percebem os seus progenitores como mais “autoritários” do que os do meio urbano, mas estes percebem os pais como mais “preocupados”. Neste caso houve uma diferença altamente significativa. A percepção da compreensão da mãe e do pai não revelou a existência de diferenças significativas em função do local de residência. Oliveira (1994) conclui de igual forma que os meios mais desfavorecidos educam de uma forma mais autoritária e rígida que os meios mais favorecidos.
- **Habilitações Literárias dos Pais** - Para Oliveira (1994) o nível cultural dos pais é um aspecto importante para a prática educativa. Fomos também estudar a relação entre as habilitações literárias dos pais e a percepção dos adolescentes. Criámos 3 grupos ou níveis de escolaridade. Assim, verificámos que há diferença estatística entre os adolescentes filhos de pais

com habilitações literárias inferiores ou iguais à 4ª classe (Grupo 1) que consideram a mãe mais compreensiva do que os adolescentes filhos de pais com habilitações entre o 1º ciclo e o 3º ciclo (Grupo 2).

CONCLUSÃO

Acreditamos que este estudo é importante como subsídio para a compreensão da forma como o adolescente percebe os seus pais quanto à compreensão do pai e da mãe, à autoridade parental e preocupação dos pais para com eles.

Cabe aos pais o dever de conduzir os filhos à autonomia. Isto acarreta responsabilidades que envolvem o educar, o acarinhar, o respeitar, mas também o proteger, o defender, o contrariar, cujo processo dinâmico, por vezes, se envolve de contornos conflituosos. Como em qualquer relação é indispensável a compreensão e o amor, mantendo laços sólidos, capazes de fazer face a qualquer crise de desenvolvimento como a que ocorre na adolescência e a que vivem os pais dos adolescentes.

BIBLIOGRAFIA

- BARÃO, Helena - *Democratização das relações familiares. Desenvolvimento*. Nº Especial, Maio de 1986, p. 93-100.
- CLAES, Michel - *Os problemas da adolescência*. Lisboa, Verbo, 1985.
- FURMAN, Wyndol; BUHRMESTER, Duane - Age and sex differences in perceptions of wet works of personal relationships. *Child Development*. (63). 1992, p. 103-115.
- OLIVEIRA, J. H. Barros - *Psicologia da educação familiar*. Coimbra, Livraria Almedina, 1994.
- SOARES, Isabel Maria Costa - *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe - filho (a)*: Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação. Tese de doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto em 1992.
- VAZ SERRA, Adriano – Influência das relações pais/filhos no auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*. 8(3), 1987, p. 137-141.